



O Aleatório Não É Ocasional

Há ritmos que precedem qualquer medida. Há variações que não nascem do erro, mas do excesso. Há pulsações do real que não esperam nome, nem centro, nem previsão. Ao longo do tempo, essas pulsações foram chamadas acaso, acidente, ruído, flutuação. Mas o nome não diz o movimento. E o movimento não espera o conceito para operar. Aquilo a que se chamou "aleatório" nunca foi verdadeiramente escutado no seu corpo próprio. Escapou à gramática da razão porque não cabia nem na regra nem na exceção. Não era ainda forma, mas já não era nada. Era o que insiste sem se fundar, o que propõe sem determinar. O que vibra sem plano.

O aleatório não é aquilo que desvia. É aquilo que não parte de um traçado. Não há desvio onde nunca houve linha. O erro supõe um padrão. A surpresa supõe uma expectativa. Mas o aleatório não responde à surpresa: ele é anterior à expectativa. Ele não falha uma estrutura — ele propõe a sua possibilidade. Onde se diz “foi por acaso”, houve na verdade um campo não legível que tocou o visível por breves instantes — um campo que não é ausência, mas matéria em bifurcação, saturada de possíveis que ainda não se inscreveram. Onde se diz “não era suposto”, há apenas a memória de um suposto que nunca foi real. O aleatório não rompe com a ordem. Ele precede-a. Ele repete, não no tempo, mas na textura: repete a oferta, a hesitação, o ainda-não-inscrito.

Não se trata, portanto, de entender o aleatório como quebra, como exceção ou como ruído. Essas categorias são sempre derivadas. São formas de proteger a estrutura contra aquilo que não a confirma. O ruído é o nome que a escuta dá ao que não reconhece. O erro é o nome que a norma dá ao que não domina. Mas o aleatório não está em guerra com a norma — ele simplesmente não precisa dela. Ele propõe sem prometer. Surge sem plano. E talvez por isso, sempre que emerge, se instale um curto-circuito: o pensamento não sabe como retê-lo. Tenta capturá-lo como acaso, mas o acaso já é narrativa. Já é resposta. Já é explicação.

O aleatório não responde. Ele pulsa. Ele dobra. Ele varia sem saber que varia. E é essa repetição sem identidade que o torna operatório. Não é sequência — é reverberação. Não é frequência — é insistência. Onde há aleatório, não há espera. Há apenas matéria que se propõe a si mesma sem forma anterior. Ele não é liberdade no sentido humano, porque não escolhe. E não é necessidade, porque não cumpre. O aleatório não realiza — ele sugere. Não há plano nem fim. Há apenas o modo mínimo de uma matéria que hesita — e nessa hesitação, propõe mundo.

O pensamento, se quiser tocá-lo, terá de abandonar as suas ferramentas mais seguras. Nem causalidade, nem finalidade, nem intuição servem. A escuta do aleatório exige outro regime: uma disposição para aquilo que aparece sem motivo, sem estabilidade, sem continuidade garantida. Exige aceitar que a repetição pode ser sem padrão. Que a variação pode ser sem motivo. Que o acontecimento pode ser sem sujeito. E que, apesar disso — ou por isso mesmo — há mundo.

Há mundo não porque há leis, mas porque há vibração. Há mundo não porque há fundamento, mas porque há campo. O aleatório não funda — mas sem ele, nada começa.

Ele não sustenta — mas sem ele, nada insiste. Ele não define — mas sem ele, nada se diferencia. Pensar desde o aleatório não é uma renúncia à forma; é uma escuta do que antecede a forma. Não se trata de dissolver tudo no fluxo — isso seria outra forma de negação. Trata-se de escutar a matéria antes da sua codificação. A matéria como hesitação. A hesitação como dobra operatória.

Há uma dignidade do informe que o pensamento ainda não soube sustentar. Porque exigia fidelidade ao que não se fixa. Ao que propõe sem assegurar. Ao que acontece sem programa. Não se trata de celebrar o aleatório como se ele fosse um novo deus do vazio — isso seria apenas outro culto. Trata-se de aceitar que há no mundo um plano de operação que não precisa de plano. Uma consistência que não se apoia em estabilidade. Uma emergência que não depende de condição.

Esse movimento, talvez, seja ainda impossível dentro da razão tal como foi formada. Mas não é impossível no real. Porque o aleatório não espera que se pense nele para operar. Ele já está. Já vibra. Já propõe. Já insinua uma outra estrutura, uma outra escuta, uma outra inscrição. A matéria já age assim: por excesso, por hesitação, por bifurcação. O que falta é o nome. E talvez o pensamento.

Mas há um instante — entre a surpresa e o sentido — em que algo ainda sem forma toca o campo do possível. Não é revelação. Não é interrupção. É apenas o aleatório, insistindo como quem não tem plano, mas tem presença. E talvez seja a isso que um pensamento futuro terá de responder: não com forma, mas com escuta.

*Porque o aleatório não é ocasional.
É o que insiste — antes que haja ocasião.*

—— David Cota — Fundador da Ontologia da Complexidade Emergente ——